



Corpo humano avisa aproximação de Alzheimer

Investigação Cientistas da Universidade de Coimbra detectaram um sinalizador biológico da doença que pode permitir o diagnóstico precoce

Investigadores de Coimbra descobriram “sinalizadores” biológicos em células sanguíneas que poderão antecipar o alerta para o aparecimento da doença de Alzheimer, anunciou a Universidade de Coimbra (UC).

«Uma equipa de investigadores do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) e da Faculdade de Medicina da UC (FMUC), liderada por Ana Cristina Rego, descobriu “sinalizadores” biológicos em células sanguíneas que poderão alertar precocemente para o surgimento da doença de Alzheimer», afirma a UC, numa nota ontem divulgada.

Antes do aparecimento da doença de Alzheimer «ocorre a formação de radicais livres» e a investigação realizada revela que esses radicais «activam um “sinalizador” biológico» (uma «proteína, designada Nrf2, que tem como função proteger as células dos radicais livres»), refere a mesma nota.

Os radicais livres são «moléculas que poderão conduzir à morte dos neurónios nesta doença».

«A sinalização da proteína é mais evidente quando surgem as primeiras queixas de memória, numa etapa inicial da doença de Alzheimer», explica Ana Cristina Rego, coordenadora do estudo, que já foi publicado na revista *Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Molecular Basis of Disease*.

Além disso, «nesta fase, aumenta a sinalização de “molé-



D.R.

Investigadora Cristina Rego coordenou estudo

culas de stress» no etículo endoplasmático, um organelo celular com várias funções, nomeadamente na síntese de novas proteínas e nos processos de detoxificação celular», acrescenta a investigadora.

O período que antecede a doença de Alzheimer trabalhado nesta investigação, designado por Défice Cognitivo Leve (DCL), situa-se entre os indivíduos cognitivamente saudáveis e os doentes com Alzheimer provável.

«Cerca de 10 a 20% das pessoas acima dos 65 anos encontram-se nesta fase intermédia de DCL e aproximadamente 15% irão progredir para um estado de demência anualmente», refere a UC.

«As alterações que ocorrem em indivíduos com DCL podem ser cruciais para se compreender o início dos processos de disfunção celular e morte neuronal na doença de Alzheimer, e auxiliar no desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas capazes de impedir a progressão da doença», salienta Ana Cristina Rego, citada pela UC na mesma nota.

O estudo foi desenvolvido em «estreita colaboração com investigadores de outro grupo do CNC e da FMUC, liderado por Cláudia Pereira, e com Isabel Santana, do serviço de neurologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) e da FMUC».